

LINGUÍSTICA APLICADA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENTENDENDO O *TORNAR-SE PROFESSOR*

*Alessandra Silva T. de Melo (PUC-Rio)**

RESUMO

Este artigo é uma apresentação da minha pesquisa de mestrado na área de Linguística Aplicada, nos moldes em que é entendida hoje pelos autores que desenvolveram os conceitos de uma Linguística Aplicada de caráter exploratório, em que pese o intercâmbio entre a Linguística Aplicada e os Estudos do Discurso. A proposta é correlacionar esses conceitos da Linguística Aplicada com outros construídos no processo da análise de dados gerados pela pesquisa, a fim de justificar a relevância da análise em questão, para esse campo de estudos do discurso. Tendo a formação de professores como tema, a investigação concentra-se em buscar entender a *desaprendizagem* do momento de *tornar-se professor* e como são construídas as identidades de futuros professores em suas experiências nas escolas públicas de hoje. Para tanto, lanço mão dos conceitos formulados por Moita Lopes (2006), Inês Miller (2010), Beatriz Barreto (2008), Branca Fabricio (2006) entre outros, somados à minha experiência pessoal enquanto professora regente em uma escola da Rede Pública da cidade do Rio de Janeiro. Através do acompanhamento das reuniões entre professores, observa-se seus discursos, de modo a construir uma reflexão crítica acerca da formação docente; de modo a esboçar o posicionamento teórico da dissertação a ser construída a partir dos princípios da Prática Exploratória e das teorizações da Linguística Aplicada, com a intenção de criar inteligibilidades sobre as projeções identitárias de um grupo de professores em formação inicial.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Formação de Professores; Construção de Identidades; Prática Exploratória.

ABSTRACT

This article is a presentation of my master's research in Applied Linguistics area, in the way it is understood today by the authors who developed the concepts of Applied Linguistics exploratory, despite the exchange between Applied Linguistics and Studies speech. The proposal is to correlate these concepts of Applied Linguistics with other built in the process of data analysis generated by research in order to justify the relevance of the analysis in question, for this discourse studies field. Having the training of teachers as subject, the research focuses on trying to understand the unlearning the time to become a teacher and as the identities of future teachers are built on his experiences in public schools today. Therefore, I make use of the concepts formulated by Moita Lopes (2006), Inês Miller (2010), Beatriz Barreto (2008) and Branca Fabricio (2006) among others, in addition to my personal experience as a teacher in a school regent Public Network city of Rio de Janeiro. By monitoring the meetings between teachers, observed his speeches in order to build a critical analysis of teacher training; to sketch the theoretical position of the thesis to be built on the principles of Exploratory Practice and theories of Applied Linguistics, with the intention of creating intelligibilities about identity projections of a group of teachers in initial training.

Keywords: Applied Linguistics; Teacher training; Construction Identities; Exploratory Practice

* Mestranda em Estudos da Linguagem - PUC-Rio

OS PRIMEIROS PASSOS NOS ESTUDOS DO DISCURSO E NA PESQUISA

Quando iniciamos qualquer curso acadêmico é comum que sejamos expostos a diversos tipos de pensamentos teóricos e paradigmas de pesquisas. No Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio (PPGEL) não seria diferente, muito pelo fato da proposta do programa estar baseada no conhecimento amplo do fenômeno linguístico nas diferentes visões das linhas de pesquisa que constituem o mesmo. Contudo, ainda que decidamos por uma linha de pesquisa, dentro da mesma existem diversos campos de estudos desenvolvendo diferentes frentes teóricas.

A pesquisa em andamento a ser descrita ao longo desse artigo, situa-se dentro da Linha 4 do PPGEL – Discurso, Práticas cotidianas e profissionais – e do projeto: Prática Exploratória – um espaço discursivo de alunos e professores refletindo sobre a vida em sala de aula. Essa nomenclatura indica um recorte teórico dentro das várias abordagens acerca do fenômeno linguístico – os estudos do discurso como prática social, inseridos dentro da área chamada de Linguística Aplicada e de um de seus mais recentes braços, a Prática Exploratória.

Os estudos do discurso entendem, na visão de Silva, Santos e Justina (2011, p. 3), a linguagem como “aquilo que a gente vive” em diferentes circunstâncias da vida social; por isso a Linha 4 compreende as práticas cotidianas e profissionais, contextos os quais se constroem na e pela linguagem. Dentre as frentes teóricas que tem o discurso como objeto de pesquisa, análise e teorização, encontra-se a Linguística Aplicada. Essa denominação – *Linguística Aplicada* (LA) – é tendenciosa à ideia de aplicação, experimentação e quantificação. Contudo, o termo *aplicada* tenta indicar a presença e importância das práticas linguísticas, mais especificamente das práticas sociais, como entenderemos ao longo do texto.

O Ensino é uma das práticas sociais de maior importância para LA, em especial a brasileira, desde Gomes de Matos e Celani (CAVALCANTI, 2004). A relação entre professores e alunos no ensino de línguas (materna ou estrangeira) sempre foi de interesse da LA, especificamente a construção do discurso de sala de aula, ou *classroom discourse*, pesquisado por Cazden (2001), Moita Lopes (1996) e Allwright e Bailey (1991) e seus discursos no contexto da sala de aula. Sem nenhuma pretensão de quantificar ou avaliar o ensino, a LA busca entender a educação na linguagem, propondo uma intervenção social a partir do que for compreendido durante o processo de investigação. Essa busca por entender a *educação na linguagem*¹ aproxima a LA da Prática Exploratória, que considero que deva ser compreendida como um “braço mais forte” da LA nos estudos discursivos da e sobre a sala de aula. O que fortalece esse braço é o olhar exploratório da Prática Exploratória que entende que a pesquisa ultrapassa o posicionamento participativo (LINCOLN e GUBA, 2006) do pesquisador, uma vez que o papel de pesquisador é compartilhado entre os participantes da pesquisa, tanto o pesquisador quanto os “pesquisados” compartilham a prática da pesquisa desenvolvida (BARRETO et al, 2008).

¹ Compreendo a relação entre educação e linguagem como indissociável, pois não vejo como estabelecer limites entre uma e outra. Para que exista é preciso linguagem e para que esta exista é preciso educação. É a percepção dessa relação intrínseca que a Prática Exploratória vem desenvolver, contribuindo simultaneamente às duas áreas de conhecimento (educação e linguística).

Com essa espécie de pirâmide invertida de teorias – Estudos do Discurso, Linguística Aplicada e Prática Exploratória, sendo os Estudos do Discurso e a LA a base. A proposta desse artigo é tentar correlacionar os conceitos a serem entendidos por minha pesquisa de mestrado com alguns dos conceitos da Linguística Aplicada, buscando justificar a relevância do estudo para essa área. Portanto, desejo indicar qual o ponto de congruência entre a pesquisa em andamento e o aporte teórico desenvolvido pela LA ao longo dos anos.

Os discursos que ouvimos no ambiente escolar são variados e se entrecruzam a todo instante. A minha experiência como professora recém-formada e regente de turma em escola pública foi o que motivou o interesse pelo discurso de professores. Durante esses quase seis anos de experiência no contexto da escola pública, uma preocupação sempre esteve em evidência – a formação. Contudo, no dia a dia percebi que esse não era um ponto preocupante comum entre os professores. Comecei a prestar atenção ao que ouvia tanto de professores com larga experiência profissional, quanto de recém-formados que chegavam às escolas. Diante do que fui ouvindo e do quadro de desvalorização do profissional da educação e da falta de condições de trabalho de parte das escolas públicas brasileiras, identifiquei que algo estava sendo negligenciado na formação de professores: a responsabilidade da construção dos discursos que levamos para dentro das escolas².

A pesquisa intitula-se *Futuros professores: como constroem discursivamente suas práticas docentes de amanhã na escola de hoje?* É parte de um olhar exploratório para a formação inicial de professores de línguas, alunos da graduação em Letras da PUC-Rio e participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES; buscarei entender os discursos que esses alunos estão construindo nas salas de aulas de formação de professores de línguas (materna e estrangeira). O foco da pesquisa é a construção da identidade desses professores que estão em formação inicial, evidenciadas em seus discursos que levarão para as salas de aulas de amanhã a partir de suas vivências com a escola de hoje, pois o programa (PIBID) propõe a atuação conjunta dos futuros professores com docentes regentes de escolas públicas, nas instituições. Tudo isso com o acompanhamento de seus professores formadores de suas universidades.

A metodologia da pesquisa está se constituindo por meio da participação e gravação de reuniões entre os professores em formação com/sem seus professores formadores. A partir dos dados, pretendo identificar os *tipos de discursos*³ construídos pelos alunos acerca de questões como – educação pública, relação professor-aluno, currículo, sistemas educacionais, material didático, entre outras. Dessa forma, busco construir uma análise dos dados que contribua para uma reflexão crítica sobre a formação de professores.

1. A PRÁTICA EXPLORATÓRIA E A LINGUÍSTICA APLICADA

Em uma reunião do grupo de Prática Exploratória do Rio de Janeiro, ouvi de um de seus membros a seguinte fala – “Para o professor tornar-se exploratório precisa desconstruir tudo que

² Entendo essa “responsabilidade do discurso pedagógico” como característica fundamental do professor consciente de que é um formador de opinião, não sendo ele um “transmissor” de sua opinião ao aluno, mas como aquele que desenvolve a capacidade crítico-reflexiva dos discentes em processo de formação de opinião. Por isso, os profissionais têm que ser comprometidos como que dizem nos ambientes escolares.

³ Aqui vejo como *tipos de discursos* os diferentes usos da linguagem que os atores sociais fazem de acordo com suas práticas sociais, sendo a linguagem focalizada como uma prática social e observada em uso (cf. Fabrício, 2006).

‘acha’ que sabe da sala de aula”. A fala foi seguida de comentários sobre o gesto de incomodar-se/inquietar-se/investigar-se que não são comumente encontrados naqueles que pretendem iniciar-se na PE. Esse início (pelo qual ainda estou passando) é um processo de profundo desconstruir e reconstruir, desaprender e reaprender.

A PE é entendida aqui como uma maneira sustentável de professores e alunos se empenharem no desenvolvimento do entendimento da vida em sala de aula, simultaneamente ao processo de aprendizagem (MILLER, 2010. p.113). Essa maneira de interpretar a sala de aula evoca princípios elaborados e reelaborados ao longo dos anos de entendimento do cotidiano da sala de aula com e na linguagem. A proposta da PE pode ser compreendida como um processo contínuo de *desaprendizagem* dos constructos enraizados e engessados na sala de aula (FABRÍCIO, 2006. p. 45-65).

Em seu texto *Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”*, Branca Falabella Fabrício fala do *desaprender* como possibilidade de conhecimento. A partir de uma articulação dos pensamentos de Nietzsche, Foucault e Wittgenstein, Fabrício (2006) desenha os processos metodológicos das pesquisas em LA, elencando alguns procedimentos:

- Estranhar sentidos essencializados e dogmas mumificados construídos na cultura com relação ao objeto, lembrando que toda etiqueta verbal agrega de forma pragmática, porém unificadora, uma miríade de estados e eventos diferentes que só ganham sentido quando inscritos em determinado campo semântico, ligado a práticas e valores socioculturais em contextos específicos (FREIRE COSTA, 2001)
- Problematizar a compreensão produzida acerca do objeto/fenômeno que nos intriga, fazendo-o dialogar com outras perspectivas e abordagens e verificando quais são os regimes de verdade por elas canceladas. (FABRÍCIO, 2006. p.59-60)

Esses procedimentos podem incrementar a ideia do tornar-se professor e do tornar-se exploratório (mencionado na reunião da PE) que são dois momentos importantes do grupo de professores em formação inicial que estou acompanhando. É comum nos discursos daqueles que ingressam na licenciatura a presença da sua experiência enquanto alunos. Parece que nos transportamos da posição de alunos para a posição de professor, trazendo para a formação as mesmas ideias sobre a escola que tinham nossos professores – nós mantemos o mesmo texto e invertemos os papéis. Tanto a proposta da PE quanto a proposta da LA (FABRÍCIO, 2006) é de nos inquietarmos com aquilo que está cristalizado em determinados contextos, no caso da pesquisa – a escola, pois isso não é mais viável em um mundo onde o “ser estático” não é possível devido ao fluxograma de informações e movimentos advindos de todos os lados, com os quais lidamos diária e simultaneamente. Portanto, Branca Falabella Fabrício (2006), em mesmo texto, propõe uma LA que considere esse exercício de *desaprendizagem*

Enfim, uma área de conhecimento que, suspeitando dos sentidos usuais, se coloca em movimento contínuo e autorreflexivo de deriva de si, sem destino fixo. Aposta, assim, nos descaminhos e na *desaprendizagem* de qualquer tipo de proposição axiomática como um refinamento do processo de conhecer (...) aquele que se realiza no trânsito por diferentes regimes de verdade e diferentes áreas disciplinares, desfamiliarizando os sentidos neles presentes e modificando a experiências da própria área de conhecimento na qual se insere. (FABRÍCIO, 2006. p. 61)

O *tornar-se professor* é um movimento de ida e volta simultâneo, pois ainda não sendo professor, a posição de estagiário é um entre-lugar que traz uma ondulação entre o papel de aluno e de professor. Essa *transmutação* constante do licenciando pode ser percebida em seus discursos, seja na situação de sala de aula – quando está em contato com os alunos, seja na sala de aula acadêmica – quando está em contato com seus professores formadores e outros colegas de formação.

O papel dos professores formadores pode ser importante na percepção desse momento em que os futuros professores operam com esse conceito de *trans* na construção de seus discursos, ainda que não o percebam, pois o estímulo ao exercício de não fixação de teorizações e ideias em essencialismos, homogeneidades ou cristalizações (FABRÍCIO, 2006), provocaria o processo de *desaprendizagem* da experiência anterior com a escola para que construa e produza conhecimento se disponibilizando a reaprender esse espaço social. A própria condição de estagiário reforça essa não fixação e o ambiente escolar, por ser construído por pessoas, sustenta a ideia de movimento e heterogeneidade.

A percepção dessa interseção entre o *ser aluno* e o *ser professor* expressa na linguagem parece ser de muita ajuda para entendermos a educação, sem procurar resolver os seus problemas, mas aumentar o nível de reflexão sobre esse espaço social, principalmente no momento de preparação do professor para ingressar nesse espaço futuramente não mais como aluno. É por esse motivo, então, que é proveitoso trazermos o conceito da *desaprendizagem* para compreendermos melhor essa formação inicial do professor. Talvez na decisão de desaprendermos certos conceitos do senso comum sobre a educação, possamos tentar refinar o nível de conhecimento e reflexão crítica dos professores em formação acerca do ambiente de trabalho que vão encontrar “sozinhos” (sem seus professores formadores) ao concluírem o curso.

O trabalho com esse contexto de formação traz à pesquisa a análise de dados que indicam um discurso da incerteza, do ainda não concreto, de um discurso em construção, de identidades que vão se formando a partir dessa experiência nesses entre-lugares do estagiário (aluno-professor) (BARRETO et al, 2008). Os entendimentos que os dados irão oferecer acerca desse contexto não podem ser previstos, todavia a expectativa é que possamos compreender melhor a visão dos futuros professores acerca de sua formação, do seu contexto profissional e de questões relacionadas à educação. A variação constante presente nos discursos dos pesquisados poderia invalidar o interesse por ele, porém me apóio em Hilário Bohn quando diz que:

Os interstícios, os dados indiciais, travestidos na linguagem, que se movimentam nos pequenos nichos da inconformidade, soa discursivamente minimizados; prefere-se o determinismo da modernidade, os universais autoritariamente estabelecidos à textualização inquisitiva que se movimenta nas trilhas não palmilhadas, nos meandros da incerteza, nas culturalidades diferentes, minoritárias, às vezes exóticas, muitas vezes, transgressoras, revolucionárias. É nelas que se revelam as diferenças, talvez aí estejam as compreensões dos fenômenos, dos comportamentos, das aprendizagens, da construção do ser humano e suas relações com os outros seres humanos e vidas do planeta. (BOHN, 2005. p.20)

Já que o contexto de formação de professores não gera um discurso único e formado, mas sim um discurso em construção, o desinteresse em estudá-lo seria possível por não oferecer uma exatidão de categorizações como prevê estudos positivistas e quantitativos. Entretanto, é nessa

inconstância que pretendo, de maneira interpretativista e qualitativa, usar esse tipo flexível de discurso para entender o professor que se forma na escola de hoje para “enfrentá-la” amanhã. Portanto, suas incertezas e indecisões podem oferecer um instante valioso de reflexão para os formandos e seus formadores, tentando compreender que professor os cursos de licenciatura estão encaminhando para as escolas brasileiras.

Quais os princípios da PE e qual relação deles com o conceito de *desaprendizagem* e com a Linguística Aplicada proposta hoje? Ao ser apresentado à PE, conhecem-se seus sete princípios formulados e reformulados ao longo dos anos, a partir dos entendimentos que vão surgindo nas reflexões sobre o contexto de sala de aula ou sobre outros contextos:

Priorizar a *qualidade de vida*.

Trabalhar para entender a vida na sala de aula ou em outros contextos profissionais.

Envolver *todos* neste trabalho.

Trabalhar para a *união* de todos.

Trabalhar para o *desenvolvimento mútuo*.

Integrar este trabalho com as práticas de sala de aula ou com outras práticas profissionais.

Fazer com que o trabalho para o entendimento e a integração sejam *contínuos*. (MILLER, 2010. p. 115)

Da mesma forma que o tornar-se professor é um processo de desaprendizagem, o *tornar-se professor exploratório* é um processo ainda mais intenso e de profundo processo de *desaprender o espaço de sala de aula*. Uma das definições que podemos dar à PE, é que se trata de um processo de pesquisa inserida no cotidiano e realizada de forma conjunta entre os praticantes de um espaço de trabalho, o estudo nessa pesquisa problematiza diversas questões desse espaço, procurando compreender mais e reaprender ideias/conceitos que estão enraizados no cotidiano e, muitas vezes, não são discutidos nem entendidos. Uma ressalva importante para compreender esse momento do *pesquisar exploratório*, é que não se pretende avaliar o que está sendo pesquisado, apenas se busca tentar uma melhor compreensão. Parece simples parar para refletir sobre a prática, porém é uma facilidade cada vez mais dificultada pelos modelos impostos, vigentes na maioria das escolas brasileiras. Não estou falando do espaço de planejamento, esse não pode ser entendido como tempo de reflexão, pois além de ser um momento solitário do professor⁴, é exigida a previsão de conteúdos a serem trabalhados, quando não se parou para pensar nem no conteúdo passado.

A teorização da prática é um dos motes da LA. Segundo Rajagopalan, em entrevista à Revista Norte@mentos, fazer linguística aplicada não é levar a teoria para a vida prática, nem a prática para a teoria, todavia é explorar a prática como espaço de criação de reflexões teóricas. Sendo assim, teoria e prática não são adversárias, nem concorrem entre si, são relevantes conjuntamente no processo de construção de conhecimento de uma prática social (SILVA, SANTOS e JUSTINA,

⁴ O planejamento tem se consolidado como ato solitário poisé cada vez mais difícil reunir professores para que troquem suas experiências e planejem em conjunto, devido à grade demanda de atividades burocráticas exigidas do professor. E, ainda que haja reunião entre eles, permanecerá um ato solitário por não considerar e consultar a voz do aluno.

2011). Diante disso, encontramos a interligação da LA com a proposta da PE e seus princípios, pois os entendimentos (teorizações) do espaço social da sala de aula são construídos a partir da prática de todos os envolvidos. Essa relação entre prática e teoria é feita por meio da linguagem que pode ser entendida a partir dos problemas sociais identificados (RAJAGOPALAN, 2006).

3. A PESQUISA NO PERCURSO INVESTIGATIVO DA LINGUÍSTICA APLICADA

Os paradigmas de investigação sempre apoiam uma área de pesquisa interessada, na Linguística Aplicada não seria diferente. Em seu texto, *Linguística aplicada e vida contemporânea – Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa*, Luiz Paulo Moita Lopes procura caracterizar os conceitos teóricos que têm orientado as investigações dentro de uma LA contemporânea voltada às questões sociais emergentes de sujeitos que vivem às margens da nossa sociedade. Na tentativa de sintetizar uma pauta para a LA contemporânea, Moita Lopes (2006. p. 96) oferece quatro pontos:

- 1) A imprescindibilidade de uma LA híbrida ou mestiça (...);
- 2) A LA como uma área que explode a relação entre teoria e prática;
- 3) A necessidade de um outro sujeito para a LA: as vozes do Sul;
- 4) A LA como área em que ética e poder são novos pilares.

Para o autor, a pesquisa em LA torna-se pesquisa em LA ao longo do seu percurso de investigação. Nessa seção, procurarei justificar como minha pesquisa está se tornando uma pesquisa em LA por meio dos pontos discutidos por Moita Lopes, que devem estar presentes ou que surgiram por meio dos dados durante o processo de investigação.

3.1. A imprescindibilidade de uma LA híbrida ou mestiça

(...) ponto que me parece crucial para que a LA seja responsiva à vida social se prende à necessidade de entendê-la como área híbrida/mestiça ou a área da INdisciplina. A interdisciplinaridade é, porém, em geral, ainda vivida de forma tímida na LA, embora ela seja um modo de produção de conhecimento que é cada vez mais prevalente nas ciências sociais e humanas. (MOITA LOPES, 2006. p. 97)

A sociedade brasileira nos últimos anos tem começado a admitir que nós somos um povo mestiço, sendo um exemplo bem cabível aos tempos de globalização quando podemos ser muitas culturas em um só sujeito – uma unidade composta por fragmentos de diferentes hábitos e rituais, que muitas vezes não se permitem conviver em uma mesma cultura se considerarmos as diferenças como alternativas excludentes. A LA – que caminha ao passo desses novos pensamentos – assume aos poucos essa visão híbrida em que a convivência da diversidade é possível, pois seus próprios investigados são sujeitos, como dito, construídos por diferentes fragmentos culturais.

A pesquisa em questão apresenta sujeitos sociais que transcorrem discursivamente em dois processos de construção identitárias: os processos de *tornar-se professor* e *tornar-se professor exploratório*. A proposta é refletir e compreender esses processos fundamentais na formação desse

grupo de professores expresso na interação linguística, com base na interdisciplinaridade proposta pela LA contemporânea, procurando aproximar a investigação do ponto de vista dos praticantes desse grupo social. Portanto, a pesquisa vai mais adiante do processo de interação, discutindo os processos que ela mesma indica a respeito desse grupo de sujeitos sociais.

As variações identitárias que vão sendo construídas ao longo das interações do grupo e como se trata de um discurso em formulação, o que o grupo apresenta nos dados pode ou não ser levados às suas salas de aula de amanhã. Essa instabilidade na construção do discurso alia-se à mobilidade dos territórios moventes da LA contemporânea. Uma das preocupações dessa LA é com o entendimento/ investigação dos processos de construção de discursos tão híbridos e instáveis, pois uma disciplina é insuficiente para dar conta de uma análise interessada. Por isso Moita Lopes mostra que

Está ocorrendo na produção do conhecimento a compreensão de que uma única disciplina ou área de investigação não pode dar conta de um mundo fluido e globalizado para alguns, localizado para outros, e contingente, complexo e contraditório para todos. (...) É esse mesmo tipo de pensamento mestiço ou nômade que acho útil para uma LA que possa tentar compreender a vida contemporânea. Como linguistas aplicados, nossa posição deve ser nos situar nas fronteiras onde diferentes áreas de investigação se encontram. (MOITA LOPES, 2006. p. 99)

Inicialmente, pelo que os dados gerados vêm revelando, a compreensão do problema da construção da identidade será fundamentada nos conceitos da LA contemporânea associados: à contribuição da Análise do Discurso e da Sociolinguística Interacional acerca da construção da identidade e da organização da fala; aos princípios da Prática Exploratória como já dito; aos estudos da Etnografia com a visão de pesquisa êmica, trazendo o ponto de vista dos praticantes do contexto social; e ao pensamento crítico-reflexivo da Pedagogia Crítica, principalmente os olhares de Paulo Freire e António Nóvoa. Vale ressaltar que a pesquisa está em processo de análise, ou seja, os dados pedem a busca de outras áreas de conhecimento e que venham aprimorar ainda mais os entendimentos.

3.2. A LA como uma área que explode a relação entre teoria e prática

(...) considero essencial, na forma como atualmente concebo a LA, um posicionamento que exploda os limites entre teoria e prática. Estou apontando – como, aliás, está implícito no que disse anteriormente em relação à necessidade de considerar “as vozes do Sul” – a parainadequação de formular conhecimento que seja responsivo à vida social ignorando as vozes dos que vivem. (MOITA LOPES, 2006. p. 100)

A relação entre teoria e prática nessa pesquisa é pretendida como não tendo fronteiras, ao passo que fique sempre o questionamento se estou lidando com a prática ou com a teoria. A clareza é fundamental em todo e qualquer texto, por isso a indefinição entre o limite entre o polo teórico e o polo prático se justifica pela própria profissão com a qual estou lidando: o professor. Esse profissional é um nômade entre os dois polos, é aquele que lida com a teoria (o conteúdo do currículo) na prática (a sala de aula). Ou seja, o professor por si só pode ser considerado “o explosivo” dos limites entre teoria e prática, conforme se quer a LA contemporânea.

Em uma LA que quer falar à vida contemporânea é essencial, não a teorização elegantemente abstrata que ignora a prática, mas uma teorização em que teoria e prática sejam conjuntamente consideradas em uma formulação do conhecimento na qual a teorização pode ser muito mais um trabalho de bricolagem, tendo em vista a multiplicidade dos contextos sociais e daqueles que os vivem. (MOITA LOPES, 2006. p. 101)

Esses professores em formação inicial encontram-se em um processo de preparação como “explosivos”. Ao mesmo tempo em que formulam conhecimentos teóricos durante as aulas em sua instituição de ensino superior com os quais irão lidar em sala de aula, também constroem conhecimento prático aliado ao teórico nas salas de aulas das escolas públicas participantes do projeto PIBID.

3.3. A necessidade de um outro sujeito para a LA: as vozes do Sul

(...) o mundo social e nós mesmos somos constituídos no discurso na linha de teorias socioconstrucionistas, o que envolve como as pessoas estão posicionadas no mundo em sua sócio-história. Essa compreensão do sujeito social tem chamado a atenção para sua natureza fragmentada, heterogênea, contraditória e fluida (Moita Lopes, 2002; 2003), sendo também entendido como sempre aberto a revisões identitárias. Nesse sentido, é a minha própria sócio-história que está inscrita no que estou focalizando aqui ao me reposicionar diante da LA. (MOITA LOPES, 2006. p. 102)

Os sujeitos da pesquisa, alunos de licenciatura e participantes de um programa de iniciação à docência, como relatado antes. O profissional de educação no Brasil tem passado por um processo de desvalorização salarial e falta de condições de trabalho. Nos últimos tempos, o professor tem sido uma categoria à margem do mercado de trabalho e, conseqüentemente, os cursos de licenciatura localizados em uma periferia acadêmica, recebendo pouco investimento das instituições. Isso devido ao baixo número de alunos. Esse quadro é uma das incongruências brasileiras, pois juntamente com essa marginalização o país sofre com a falta desses profissionais. Dessa forma, o PIBID é uma forma de revitalizar essa carreira profissional.

Por ser, atualmente, um sujeito marginalizado pela sociedade, o professor interessa à LA contemporânea por ser uma das “vozes do Sul”. Essas vozes estão sendo interpretadas pela pesquisa de acordo com as suas histórias sociais, buscando entender a sua natureza fragmentada e heterogênea, ao passo que ao mesmo tempo em que se trata de uma voz de aluno, trata-se de uma voz de professor (tornando-se professor).

3.4. A LA como área em que ética e poder são novos pilares

(...) “ética”. Quando se enfatizam o sujeito social e sua relação com a alteridade, assim como sua heterogeneidade na construção do conhecimento, como fiz aqui, as questões relativas a ética e poder estão intrínsecas. (MOITA LOPES, 2006. p. 103)

Esse princípio ético é parte da constituição de uma coligação anti-hegemônica que colabora na construção de significados oriundos de outras vozes (daqueles marcados pelo sofrimento às margens da sociedade), assim como na construção de outro mundo social, construindo outra globalização, como acho que diria Milton Santos (2002), e reinventando a emancipação em nossos dias. (MOITA LOPES, 2006. p. 103-104)

Esses novos pilares da LA contemporânea estão relacionados à postura do pesquisador diante da pesquisa que não deve se compreender como o detentor do poder de interpretação dos dados gerados, é preciso que o seu olhar se aproxime ao máximo da voz dos atores sociais do grupo social interessado. Esse movimento constituiria uma ética mais local que vem de dentro para fora mais próximo do que a sociolinguística chama de *êmico* (ERICKSON e SHULTZ, 2002). A minha postura está seguindo esses novos pilares, pois além de recém-formada na licenciatura, sou professora regente e conheço os atores sociais (inclusive como ex-colegas de turma).

Diante dos quatro pontos apresentados, tentei justificar a minha pesquisa como sendo uma investigação de LA, e de LA contemporânea. Contudo, com licença de apropriação, acrescentaria um quinto ponto à postulação de Moita Lopes, indicando pelo mesmo em seu texto de 1996 – *Afinal, o que é Linguística Aplicada?* – no qual diz que a pesquisa em LA “envolve formulação teórica”. Esse acréscimo é plausível para mim porque os dados da pesquisa têm indicado um universo de discursos que se entrecruzam nos ambientes escolares dos quais faço parte desde que entendo-me como professora. Discursos que estou formulando como teórico, utópico e/ou ingênuo e sem alma. Há ainda uma quarta formulação de um discurso pretendido por meio da experiência dos sujeitos da pesquisa com a Prática Exploratória, que chamo de prático-exploratório/participatório e crítico. De forma resumida, apresento as quatro formulações na tabela abaixo.

Discurso	Fala	Interpretação
Teórico	“Terei que ouvir meu aluno. Todo o meu trabalho deve se basear nas suas vivências. A partir do que eles trouxeram é que deve ser a minha prática pedagógica.”	Repetir teorias empregadas como manual para enfrentar a sala de aula
Utópico/ingênuo	“Na escola onde estudei, nós dizíamos aos professores quando e como deveríamos estudar. Tudo acontecia se todos estivessem de acordo. Os professores não interferiam no que nós decidíamos. Essa é a melhor maneira de ensinar. Vou fundar uma escola e resolver o problema da educação.”	Generalizar experiências individuais, dissociadas da realidade do senso comum, usadas como Ideal a ser conquistado.
Sem alma	“Escutar o aluno? Para quê? Eles não sabem de nada. Eu estarei na escola para ensiná-los. É por isso que as escolas estão assim, escutaram os alunos demais. Eles é quem devem me escutar.”	Renega o sentimento, o dia a dia, o afeto e a relação humana.
Prático-exploratório	“Na nossa sala de aula, eu e meus alunos, todos deveremos nos envolver com o trabalho, cada um trabalhando do seu jeito e observando como as coisas acontecem e os porquês.”	Refletir para entender a prática.

Quadro 1: Falas ilustrativas criadas a partir de experiência profissional - Elaborado pela autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa ao longo do texto foi articular os conceitos da Linguística Aplicada e da Prática Exploratória com a pesquisa que venho elaborando. É difícil falar do que está em desenvolvimento, contudo foi um bom exercício de elaboração de um discurso em formação, condizendo exatamente com o problema da investigação descrita aqui. Ao passo que vou entendendo o discurso em formação de futuros professores, estou eu própria desenvolvendo um discurso em construção de professora-pesquisadora.

Diante dessa apresentação, fica evidente a relevância da formação de professores na Linguística Aplicada. O discurso dos professores em formação pode ser de grande importância para LA, para que compreendamos melhor esse novo agente desse contexto social com o qual lida ao longo do desenvolvimento da área. E, ainda, ver esse discurso ser construído a partir das experiências em escolas públicas durante o processo de formação inicial, parece trazer possibilidades de estendermos nossos entendimentos acerca do professor que estamos formando.

Quem sabe compreendendo melhor o professor que chega à escola, não possamos saber ainda mais sobre as escolas brasileiras? Enfim, possivelmente novos conceitos da LA encontrarei para relacionar com a pesquisa e novas reflexões surgirão a partir dos dados. Todavia, o que escrevi nessas linhas e entrelinhas buscou desenhar o quadro teórico ao qual a pesquisa deseja ser inserida.

REFERÊNCIAS

- ALLWRIGHT, D.; BAILEY, K. **Focus on the Language Classroom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- BARRETO, B. C. et al. Prática Exploratória: questões e desafios. In: GIL, G.; ABRAHÃO, M. H. **V. Educação de professores de línguas – os desafios do formador**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008. p. 145-165.
- BOHN, Hilário I. As exigências da Pós-Modernidade sobre a pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. In: ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F.; FREIRE, M. M. (orgs). **Linguística Aplicada e Contemporaneidade**. Campinas, SP: ALAB, Pontes Editores, 2005. p.11-23.
- CAVALCANTI, M. C. Applied Linguistics Brazilian perspectives. In: **AILA Review World Applied Linguistics A Celebration of 40 years of AILA**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004. p. 23-30.
- ERICKSON, F.; SHULTZ, J. “O quando” de um contexto – questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 2ª edição. p. 215-234.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, 2006. p. 45 a 65.

MILLER, I. K. de. Construindo parcerias universidade-escola: caminhos éticos e questões crítico-reflexivas. In: GIMENEZ, T.; GÓES, M. C. (orgs.). **Formação de professores de línguas na América Latina e transformação social**. São Paulo: Pontes, 2010. p. 109 – 129.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.

LÜDKE, Menga et al. **O ‘buraco negro’ da formação de professores**: resignificando o estágio no âmbito de uma parceria universidade-escola. Rio de Janeiro. II Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas, v. 2. 2008.

MOITA LOPES, L. P. Afinal, o que é Linguística Aplicada? In: MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p.17-33.

_____. Linguística aplicada e vida contemporânea. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, 2006. p. 85-107.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editora, 2006. p.149-168.

SILVA, K. A.; SANTOS, L. I. S.; JUSTINA, O. D. Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: Ponderações sobre Linguística Aplicada, Política Linguística e ensino-Aprendizagem. **Revista de Letras Norte@mentos** – Revista de Estudos Linguísticos e Literários, Edição 08 – Estudos Linguísticos 2011/02. Disponível em: http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos. Acesso em: 24 abr. 2014.